

Nome do Projeto: SEXUALIDADE: EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE.

Coordenadoras: Bruna Demetrio, Daniela Pompermayer, Emanuelli Haiduk, Gissele Debastiani, Carla Knoner, Natany Bernardon e Maria Lúcia Badalotti Tavares.

Período: Ação contínua.

Início: Agosto de 2018.

Ementa: Adolescência, diversidade e sexualidade, construção social de gêneros, preconceito, identidade sexual, orientação sexual, sexo, prazer, namoro, prevenção de DST's, masturbação e gravidez na adolescência.

Público-alvo: Estudantes de escolas públicas e particulares que frequentam o ensino médio.

Local de Execução: Escolas Públicas e Particulares do município de Xaxim e Região Oeste de Santa Catarina, bem como na sede da Celer Faculdades do Município de Xaxim.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Título do Projeto/Atividade: SEXUALIDADE: EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE

1.2. Área Temática Principal: SEXUALIDADE

1.3. Coordenadoras do Projetos de Extensão: Maria Lúcia Badalloti Tavares e Gissele Debastiani.

1.4. Características da execução: É um projeto que envolve professores e alunos estagiários do Curso de Psicologia com ênfase em Gestão e Saúde, os participantes externos, em especial alunos do ensino médio. Desenvolve-se de forma itinerante, passando pelas escolas de ensino médio da região de Xaxim, buscando orientar os alunos sobre as questões que envolvam a sexualidade na adolescência. Data de início: agosto de 2018 - data de término: dar-se-á de forma continuada.

2. CARACTERIZAÇÃO DO PROJETO

2.1 Execução: Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas - FACISA/CELER Faculdades.

2.2. Instituições envolvidas: Escola Públicas e Particulares do município de Xaxim e região oeste de Santa Catarina, abrangência da GEREI, na sede da Celer Faculdades do Município de Xaxim. A FACISA/CELER Faculdades será responsável pelo planejamento, acompanhamento dos alunos e supervisão técnica das atividades que serão realizadas nas escolas. Além disso, irá proporcionar capacitação de recursos humanos e momentos de estudos que promovam maior interação entre a produção do conhecimento na área, com o envolvimento de acadêmicos e professores do Curso de Psicologia com ênfase em Gestão e Saúde, bem como da sociedade em geral. Será, ainda, responsável pela manutenção das instalações, seleção de estagiários/bolsistas e de outros colaboradores, aquisição de equipamentos e pela obtenção de subsídios financeiros que garantam o custeio das despesas com a realização e ampliação do projeto e a confecção do material de divulgação, informações e propaganda. Observação: será feita a emissão de certificados para os acadêmicos que participarem do projeto, bem como contará como atividade de Estágio Obrigatório para alunos dos 9ª e 10º período do Curso de Psicologia.

3. JUSTIFICATIVA

Trata-se de um projeto de extensão a ser desenvolvido junto a alunos de escolas públicas e particulares do município de Xaxim e Região Oeste de Santa Catarina. SEXUALIDADE: EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE é um projeto que busca orientar adolescentes e jovens sobre temas ligados a sexualidade. O tema sexualidade, ainda vem carregado de mitos e tabus, que acabam trazendo uma enorme confusão ao jovem que vive um processo de mudanças psíquicas e corporais. Falar sobre sexualidade é permitir que o jovem construa conhecimentos claros e conscientes sobre seu corpo e sua sexualidade. Já a palavra diversidade sexual, representa as mais diversas formas de se viver esta sexualidade. Atualmente o assunto tem recebido destaque, principalmente pelas atrocidades cometidas contra o público LGBT, pois a intolerância contra formas de viver a sexualidade que não seguem a heteronormatividade é presente, e muitas vezes fatal. É de extrema importância debater sobre o assunto em meios acadêmicos, já que por vezes a não compreensão de alguns termos como sexo, identidade de gênero, orientação sexual, dentre outros, podem fazer com que exista ainda mais preconceito em relação a diversidade sexual.

4. OBJETIVOS:

4.1. OBJETIVO GERAL

- Promover debates que auxiliem no esclarecimento de dúvidas dos adolescentes, com relação a temáticas que envolvam a sexualidade humana.

4.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Abordar a descoberta da sexualidade na adolescência;
- Explicar a respeito das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs);
- Debater sobre a diversidade sexual e as desigualdades existentes entre as relações de gênero.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5.1 ADOLESCÊNCIA: UMA FASE COM NOVAS DESCOBERTAS

A palavra adolescência provem do latim, da qual *ad*= “para” e *olescere*= “crescer”. Desta forma, adolescência tem como significado de “crescer para”, não somente em aspectos físicos, com também, caracteriza-se por uma mudança e adaptação psicológica, social e no âmbito familiar. É uma fase que por vezes pode ser considerada perturbada, pois não se trata de uma criança muito menos de um adulto (PADILHA e CABRAL, 2014).

Com base na Organização Mundial da Saúde (OMS) o período da adolescência é dos dez aos dezenove anos de idade, assim como, para a Sociedade Brasileira de Pediatria e o Ministério da Saúde. No entanto, para o Estatuto da Criança e Adolescência, compreende-se a adolescência com a faixa etária entre os doze e os dezoito anos de idade (PADILHA e CABRAL, 2014).

Entretanto, o termo adolescência é uma “invenção moderna”, ou seja, o fenômeno que ocorre na adolescência se faz presente desde os primórdios da civilização, porém, o conceito que nos dias de hoje chama-se de adolescência começou sinteticamente no XVII. É possível observar que até mesmo nas obras de arte, as crianças eram retratadas com aspecto de um adulto em miniatura, mudando somente os aspectos físicos, ou seja, a massa muscular. Foi um processo que envolveu muita evolução e transformações no âmbito, social e familiar, devido ao

modo como estes adolescentes eram tratados em outras décadas, assim como, a vestimenta que usavam (GROSSMAN, 2010).

Um duplo movimento afluiu nas relações entre pais e filhos; a infância passou a ser encarada como um momento privilegiado da vida, e aos filhos dedicava-se amor e investimento no futuro. [...]. A adolescência masculina foi definida como o período entre a primeira comunhão e o bacharelado ou serviço militar, e a feminina entre a primeira comunhão e o casamento. Ao longo do século, a adolescência passou a ser reconhecida como um momento crítico da vida, temida como uma fase de potenciais riscos para o indivíduo e para a sociedade, uma real “zona de turbulência e contestação”. (GROSSMAN, 2010, p. 2).

Desta forma, o período de transformação se faz presente tanto em relação às meninas quanto aos meninos. Sendo que, nas meninas este período tende a iniciar por volta dos oito ou nove anos de idade, devido às produções hormonais, com isto, ocorre mudanças em relação a estrutura corpórea, tendo como exemplo o aumento das mamas e pelos pubianos, assim como, o início da menarca, esta que consiste em ser a primeira menstruação, a idade média para este fator na sociedade ocidental, é por volta dos onze ou doze anos (CAMPAGNA, 2005).

Há alguns autores em que afirmam que os hormônios não somente desencadeiam mudanças físicas, como também, mudanças psicológicas, isto é, com alterações de humor, podendo ocorrer comportamentos agressivos, emocional e outros. Contudo, é possível analisar que em outros tempos a puberdade juntamente com a menarca ocorriam mais tarde, desta maneira, a cada geração esta fase está sendo cada vez mais precoce (CAMPAGNA, 2005).

Já em relação aos meninos a fase da adolescência também está relacionada com os hormônios, sendo que às alterações físicas é em relação aos pelos pubianos, aumento do tamanho do pênis, dos testículos e da bolsa escrotal, assim como, ocorre a alteração da voz, da qual na grande maioria dos meninos passa a ter uma voz mais grave, no entanto, quando ainda está ocorrendo essa transição da mudança da voz, por vezes, ela pode ser mais fina ou mais grave, ou seja, ocorrendo alterações até que se permaneça em somente um tom (KLAJNER, 2004).

De acordo com Suplicy (1991), a sexualidade mudou muito ao decorrer dos anos que acabou deixando os pais perdidos em relação a isso. Atualmente vivenciamos um momento difícil para a construção de um sistema de valores sexuais. Existem alguns valores mencionados pela mesma autora em que não podem deixar de serem transmitidos aos jovens, que são: o respeito por si mesmo e pela sua

dignidade; o respeito ao outro; o acesso à informação; ajudar a criança/adolescente a desenvolver o espírito de crítica.

Uma pesquisa realizada por Arruda (1992), com adolescentes de idades de 13 a 19 anos, na Paraíba, em que evidenciou que os mesmos sentem falta de informações sobre sexo, porém buscam auxílio com os amigos e revistas. As orientações em relação à sexualidade não esclarecem as dúvidas, e, as frases que surgem com frequência são que “isso é pecado”, “é feio” ou “só quando casar”.

5.2 A DESCOBERTA DA SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

A forma como cada pessoa se relaciona com o mundo, nosso jeito de ser, valores, crenças, sentimentos e emoções envolvem o amplo conceito da palavra sexualidade, no período da adolescência é que surgem reflexões mais profundas acerca do tema, nesta fase também é necessário assumir responsabilidades pelo próprio corpo, pois é aqui que as primeiras experiências costumam aparecer (MULLER, 2013).

Ainda de acordo com Muller (2013) no período da adolescência surgem vários dilemas, como o dilema existencial, o profissional e o dilema sexual que vem carregado de dúvidas como: de quem eu gosto? Garotos ou garotas? Será que chegou o momento da primeira vez? Como evitar as doenças? Até aonde posso ir? E se engravidar? E no namoro? Será que vou agradar? Estas são algumas das inúmeras dúvidas que cercam o período da adolescência e que podem vir carregadas de angústia ou de prazer.

Suplicy (1991) cita que as preocupações e os sentimentos dos rapazes são bem diferentes dos sentidos pelas moças, mas três aspectos principais se destacam como preocupação do adolescente: o próprio corpo, a intimidade no namoro e a masturbação. Já Muller (2013) acredita que existem três grandes focos de interesse: a gravidez, as DST's e as questões da prática do sexo que envolvem afetos, diversidade e prazer.

5.2.1 Dúvidas em Relação ao Próprio Corpo

Diante de uma infinidade de mudanças, tanto psíquicas quanto físicas surgem dúvidas, insatisfações, e a pergunta, sou normal? Suplicy (1991), cita que um aspecto

muito abordado pelo adolescente é sua insegurança quanto a normalidade de seu físico, nos meninos a maior preocupação se deve em relação aos órgãos genitais, seu desempenho sexual e sua ideia do que é ser homem, dúvidas em relação ao tamanho do pênis em como manter a imagem de “macho”. Já na mulher, a preocupação é em mantê-lo intacto, levantando dúvidas sobre manter ou não a virgindade, como aparentar que não sou virgem? devo contar que não sou? uma sexualidade voltada mais para a preocupação do outro. Um reflexo dos padrões estereotipados vividos em nossa sociedade.

A dúvida em relação ao tamanho do pênis é muito presente em nossa cultura, mas o tamanho deste não influencia em nada sobre causar maior ou menor prazer. A vagina é um órgão elástico que se ajusta ao tamanho do pênis, sendo ele grande ou pequeno. O pênis em repouso, sem ereção, está entre 6 e 10 cm e em ereção, entre 13,5 e 16,6 cm. A ideia errada de que um pênis grande traz maior prazer vem da também falsa ideia de que o prazer da mulher está somente na vagina (SUPLICY, 1991).

Na mulher, o órgão que proporciona prazer não está dentro da vagina, os três maiores pontos de prazer feminino não são tocados com a penetração, pois a anatomia do pênis está desenhada para reprodução, e não para o prazer. A mulher necessita de estímulos que vão além de uma simples penetração. O clitóris está localizado na parte superior da vulva e é o órgão responsável pelo prazer feminino. (MATTEI, 2014).

5.2.2 A Intimidade no Namoro

Nossa cultura é bastante defasada quando se trata em oferecer uma educação sexual ao adolescente, onde ele seja capaz de viver a sua sexualidade de forma plena e prazerosa, é comum neste período surgirem ansiedades e sentimento de culpa. (SUPLICY, 1991).

É fundamental que os adolescentes tenham orientação sobre sexo, prevenção e saúde sexual e reprodutiva. Cada dia que passa, o sexo entra em cena mais cedo. Numa pesquisa realizada pela Unesco, em 2004, com mais de 16 mil jovens de 14 capitais e o Distrito Federal, mais da metade dos garotos entre 10 e 14 anos afirmou já ter tido alguma experiência sexual. Em contrapartida, dados obtidos na década de 1970 a iniciação sexual ocorria após os 20 anos (RIBEIRO, 2011).

De acordo com Ribeiro (2011), para as garotas, a primeira vez ocorre em média aos 15 anos e meio de idade. A geração atual não costuma ver mais a virgindade como algo tão importante, como era costume em décadas passadas. A primeira relação é muito importante: um marco na vida dos jovens. Para as garotas, existe o medo do que “vão falar”, da gravidez e toda a ansiedade que ronda sua cabeça. Normalmente, as meninas ouvem desde pequenas que sexo é coisa feia e que não podem demonstrar desejo. Já para os garotos, por um lado não sofrem essa proibição toda, porém são fortemente pressionados pelo grupo, como se apenas depois da primeira relação sexual se tornassem homens. Há uma pressão dos dois lados.

Ribeiro (2011), destaca frases que podem ser dialogadas com os adolescentes antes de eles decidirem ter uma relação sexual, como, por exemplo:

- Será que é um desejo ou está sofrendo pressão do grupo?
- Ter a primeira relação sexual só porque o colega da escola já está transando não é a decisão mais acertada. Cada pessoa tem seu ritmo pessoal de decisões;
- Ninguém pode obrigar o outro a fazer o que não quer;
- Devemos respeitar o sentimento da outra pessoa, do mesmo jeito que respeitamos o nosso;
- É importante que haja intimidade e confiança;
- Mesmo sendo a primeira vez, é preciso usar camisinha.

Diante essas dicas e escritos, percebe-se que essa discussão entre os adolescentes e os pais tem como objetivo encontrar maneiras mais simples e dinâmicas de informar e orientar seus filhos para que protejam a sua iniciação sexual e que tenham autoestima, responsabilidade e que se sintam confiantes em relação ao assunto.

5.2.3 Masturbação

A masturbação é uma das primeiras formas da descoberta da sexualidade. A palavra masturbação (masturbare) é composta a partir de duas palavras latinas: manus (mãos) e stupare (macular) = macular com a mão. De acordo com o dicionário Aurélio, macular significa “pôr manchas em sujar”. Traduzindo fielmente ao seu significado, temos o conceito original da masturbação: se masturbar era se sujar com as mãos. Essa visão do passado apresentou mudanças, mas, mesmo atualmente, há pessoas que consideram a masturbação algo sujo e, portanto, algo errado. Dentro

dessa perspectiva, muitos pais e responsáveis educam seus filhos com essa ideia, o que acaba sendo uma alternativa não saudável para o desenvolvimento da sexualidade (RIBEIRO, 2011).

Ribeiro (2011), exalta a importância de os adolescentes saberem que a masturbação faz parte da vida sexual de todas as pessoas, sendo ela iniciada na infância, a partir do momento em que descobre o prazer que a carícia no órgão sexual proporciona. Esse é o primeiro passo para a criança descobrir seu corpo e a sexualidade. Todavia, a mesma não possui consciência do que está fazendo, só sabe que ao se tocar sente uma sensação diferente, já os adolescentes têm consciência do que estão fazendo. Na adolescência, a masturbação passa a ser mais frequente, pois esse é um período em que os hormônios estão em pleno funcionamento, o corpo em mudança, novas experiências, e, assim, se apresentam e somam-se, nessa fase, o desejo e as fantasias sexuais. Depois, a masturbação volta com mais frequência na terceira idade, pois esta é uma época da vida em que homens e mulheres podem estar mais solitários.

Muitos pais acabam educando seus filhos na perspectiva de que a masturbação vicia e faz a pessoa perder o interesse pelo sexo. Sendo essa ideia errônea. Ribeiro (2011), escreve que ela faz parte da descoberta sexual de praticamente todas as pessoas. Inclusive, quem conhece o próprio corpo tem melhores chances de saber lidar com ele e com as sensações de prazer que pode proporcionar, mais tarde, quando tiver relações sexuais.

5.2.4 Gravidez na Adolescência

Mota (2012), relata que a gravidez na adolescência é um problema de saúde pública, pois as gestantes adolescentes possuem maior índice de desenvolver hipertensão, partos prematuros, anemia, restrição do crescimento fetal, além de problemas consequentes de abortos provocados ou, também, pela falta de assistência adequada. Jovens com idades de 15 a 19 anos possuem maior probabilidade de mortes relacionadas à gravidez, já nas jovens com menos de 15 anos, esse risco aumenta em cinco vezes.

De acordo com Dadoorian (2000), a gravidez na adolescência vem aumentando, desde o contexto brasileiro quanto no exterior. Apesar de que no Brasil o índice de fecundidade acabou diminuindo, taxas de partos em adolescentes,

comparando ao total de partos realizados no país, houve um grande acréscimo. Dados do SUS, de 2000, dos 2,5 milhões de partos realizados nos hospitais públicos, 689 mil eram de mães com menos de 19 anos.

Ainda de acordo com autora acima, a literatura existente relaciona a situação da gravidez na adolescência como resultante das mudanças sociais ocorridas na esfera da sexualidade, ações que ocasionaram maior liberação do sexo, porém, ao mesmo tempo não houve muitas informações relacionadas a métodos contraceptivos. A gravidez na adolescência é vista como algo indesejado, chega a ser caracterizado como “problema” que deve haver uma solução.

5.2.5 Prevenção: Conversando sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs)

Falar sobre as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) é um meio preventivo para esclarecer as possíveis dúvidas recorrentes a este assunto, desta forma, mesmo que os adolescentes ainda não tenham iniciado um relacionamento sexual se faz necessário estar conversando sobre o sexo seguro, assim, evitando o contato com as DSTs. Justamente pelo fato desta fase ser marcada por muitas mudanças, como também, a sexualidade encontra-se mais exacerbada, pode ocasionar em práticas sexuais inseguras devido à falta de informações, estas que podem ser pelo fato de haver falta de comunicação no meio familiar, assim como, pela existência de tabus quando se fala em sexo. (GENZ *et al*, 2017).

As doenças sexualmente transmissíveis, são transmitidas, principalmente, pelo contato sexual sem preservativo (anal, oral e vaginal), em que uma delas esteja infectada, sendo que geralmente se manifestam por meio de corrimentos, verrugas, bolhas ou feridas, dentre as DSTs as mais conhecidas são a sífilis e a gonorreia. No entanto, algumas pessoas podem não apresentar os sintomas ocasionados pelas DSTs, assim, quando estas não são tratadas a tempo, podem evoluir ocasionando complicações graves, como infertilidades, câncer ou até mesmo a morte. (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2018).

[...]. Quando não-tratadas adequadamente, as DSTs podem causar sérias complicações, além do risco de pegar outras DSTs, inclusive a AIDS. Essas complicações podem ser:

- Esterilidade no homem e na mulher (a pessoa não pode mais ter filho).
- Inflamação nos órgãos genitais do homem, podendo causar impotência.

- Inflamação no útero, nas trompas e nos ovários da mulher, podendo complicar para uma infecção em todo o corpo, o que pode causar a morte.
 - Mais chances de ter câncer no colo do útero bem como no pênis [...]
- (HELITO, KAUFFMAN, 2006, p. 432).

Sendo algumas das DSTs a sífilis, hepatite B, candidíase, herpes genital e a Aids (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), este é um vírus da qual, pode permanecer no corpo por meses ou anos sem indiciar algum sintoma da doença, porém, mesmo que a pessoa não apresente os sintomas, esta já está contaminada, somente a doença que não se manifestou, desta forma a pessoa possui o vírus HIV, este que pode ser transmitido não somente pelo contato sexual sem preservativo, como também, pelo contato direto do sangue, leite materno. Portanto a maioria das doenças sexualmente transmissíveis tem cura, no entanto, se faz necessário serem diagnosticadas e tratadas por profissionais de saúde, sendo de modo primordial seguir o tratamento até o final. Sendo assim, é de suma importância o ato de prevenção tendo relação sexual segura, utilizando preservativos, estes que são distribuídos gratuitamente em unidades de saúde. (SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE, 2006).

5.2.6 A Prática do Sexo: Afeto, Prazer e Diversidade

No período da adolescência existe uma pressão sofrida tanto por meninos quanto por meninas quando o assunto é sexo, as meninas ouvem desde muito cedo que sexo é coisa feia, já os garotos, são fortemente pressionados pelo grupo, como se só depois da primeira relação sexual se tornassem homens de verdade. O momento da procura do sexo é singular para cada pessoa, e o que deve ser levado em consideração nesse caso é o que o menino ou a menina, está sentindo (RIBEIRO, 2011).

De acordo com Pastana (2014), a prática do sexo é vista como importante para ter saúde, essencial em um relacionamento, e fundamental para uma vida feliz. Antigamente, o prazer sexual era visto como sujo e errado, hoje, passou a ser representado como necessário, e já não se busca qualquer prazer, é necessário um prazer intenso, satisfatório, que transborde. Para que isso ocorra, é necessário que desde muito cedo se construa uma boa educação sexual, assim, os adolescentes poderão usufruir desta prática sexual da forma mais consciente e prazerosa possível.

O prazer, definido por Costa (2004, p. 91) como “conjunto de fenômenos afetivos correspondentes ao estado de satisfação” é extremamente valorizado em qualquer relacionamento. Um sexo prazeroso para ambos pode ser indispensável para a felicidade de um casal, porém, não é o único fator, a criação de um vínculo fortalecido por carinho, amor e respeito propicia um relacionamento íntimo ainda mais prazeroso (DIAMANTINO 1993, apud GOZZO *et al* 2000).

5.3 DIVERSIDADE E SEXUALIDADE

Apesar de toda a evolução que vivenciamos na atualidade o desafio de compreendermos o que está dentro de nós ainda se faz presente. Entender e aceitar as diferenças é um caminho difícil, temas como preconceito racial, violência sexual e diversidade sexual ainda são carregados de mitos e preconceitos. Vivemos em uma sociedade diferente daquela de anos atrás, o papel do homem e da mulher não é mais o mesmo, existe uma maior liberdade entre os gêneros, porém, ainda se criam padrões que são tidos como normais e viver fora deles é um desafio.

De acordo com a UNFPA (2010), a humanidade é constituída por indivíduos plurais e diversificados ao modo de ser, agir e sentir. Essa diversidade também se sobrepõe em como nos relacionamos sexualmente com os demais. Para tanto, justifica-se que não há apenas uma maneira de relação, que seja “normal”, pelo contrário, são inúmeras as possibilidades. Porém, a realidade que vivemos são as pessoas com comportamento sexual discernido, ainda sofrerem preconceito, desrespeito e desprezo. “Em vez de respeitar a diferença como um dos valores de maior prestígio para a humanidade, muitas pessoas consideram o modelo que adotam como melhor e superior aos demais” (UNFPA 2010, p. 13).

Conforme Kamer (2008, p. 20), “A diversidade é um termo utilizado para definir as múltiplas expressões da sexualidade. Como o próprio nome diz, não existe um padrão que possibilite definir o envolvimento afetivo e sexual de um indivíduo em relação ao outro”. Ainda com base em Kamer (2008), a indispensabilidade de falar sobre diversidade na escola evidencia a viabilidade dos orientandos alunos e toda a escola, sobre a ética, o respeito e a cidadania. Já que a sociedade cria ações de conduta desejáveis e indesejáveis. O preconceito é representado em vários meios sociais, por isso a escola tem um papel fundamental para alterar essa realidade.

Para os autores Marcon, Prudêncio e Gesser (2016), nos dias de hoje, as políticas governamentais direcionadas à proteção dos direitos sexuais, tiveram um grande avanço. E a escola é considerada um espaço importante para se falar da diversidade sexual, ela se mostra um campo de atuação do profissional de psicologia, pois tem a função de idealizar um processo educacional onde sejam beneficiados os sistemas de humanização, agregando novos valores na educação, compreendendo a subjetividade e a escola.

A sexualidade é uma questão difícil de ser abordada entre pais, jovens e professores, justamente pela falta de informação e pelos diversos tabus que lhe acompanham. Devido ao mau uso dos meios tecnológicos o papel do educador foi perdendo forças, pois este já não é o único detentor de conhecimento, porém, a informação por si não leva ao conhecimento, surge então a importância da sexualidade entrar em discussão nos contextos educacionais (BROGNA, 2016).

Segundo Diniz (2008), ultimamente tem sido muito discutido sobre a diversidade sexual e de gênero, ela tem aparecido direto nas mídias, em novelas, programas de tv, filmes, o que leva essa discussão para a escola também, muitas vezes o assunto é trazido pelos alunos. Porém, toda essa propaganda sobre o assunto não anula completamente a homofobia, sendo ainda um grande problema nos dias de hoje. Ainda de acordo com o autor, a discussão sobre a diversidade sexual e de gênero ocorre desde a década de 70 no espaço acadêmico, e se deve pela pressão dos grupos feministas, de gays e lésbicas que se revoltaram e denunciaram sua exclusão nas instituições escolares.

5.3.1 O Espectro da Sexualidade

A diversidade sexual abarca uma série de termos que possuem diferentes significados e que são necessários para o entendimento da sexualidade humana. Alguns autores comparam a sexualidade a um espectro de cores, com uma variedade de comportamentos sexuais que podem se modificar ao longo do tempo. Como afirma Pontes (S/D, p.24), “a sexualidade é experienciada e expressa através de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relações”, é a forma como nos enxergamos, como nos entendemos e o que nos atrai. É um contexto formado de muitos fragmentos que fazem parte de quem somos.

Já a palavra sexo de acordo com Silva (S/D, p. 03), é “uma caracterização anatômica e fisiológica dos seres humanos. Há machos e fêmeas na espécie humana, mas a condição de ser homem ou ser mulher só é realizada pela cultura”, porém existe um terceiro grupo que raramente é lembrado que são os intersexuais. Segundo Campinho, et al. (2009, p.1) “na segunda metade do século XIX emerge a noção de intersexualidade como sinônimo de hermafrodita, embasada ainda na orientação sexual”. Ou seja, intersexual é a nomenclatura que usamos para identificar pessoas hermafroditas.

A palavra gênero de acordo com Miranda e Schimanski (2014), vem sendo usada desde 1970 pelo movimento feminista americano da época dando um norte para questões que se referem às diferenças sexuais de papéis femininos e masculinos, pois não nascemos mulheres ou homens, nos tornamos e quem atribui esse conceito é a sociedade. Já a identidade gênero está relacionado com o modo de como o sujeito se identifica com o seu gênero, isto é, o que determina esta identidade é a maneira como a pessoa se percebe, se sente, assim como, da forma que esta pessoa deseja ser reconhecida. Desta forma, a identidade de gênero representa se reconhecer como homem, mulher, ambos ou até mesmo, nenhum dos gêneros. (PADILHA, CABRAL, 2017). Existem três principais identidades de gênero, que são: Transgênero, sujeito que se identifica com um gênero diferente daquele que lhe foi atribuído no nascimento; o cis gênero, sujeito que se identifica com seu gênero de nascimento. E o não-binário, uma classificação que mistura o masculino e feminino ou se difere dela, fugindo do padrão homem e mulher.

A formação da identidade de gênero, faz parte de um aspecto básico do desenvolvimento da personalidade de cada pessoa. Podendo-se dizer que cada criança tem um “núcleo básico” da identidade, em que se compreende os sentimentos de ser menino ou menina. Este “núcleo” é formado durante os três primeiros anos de vida da criança. Existe a “base”, que é a interação dos aspectos psicológicos e sociais. Em que os pais ou familiares presenteiam as meninas com bonecas, roupas cor de rosa, ou até mesmo utilizando da frase “*você tem vulva então faz xixi sentada*”. E para os meninos os presenteiam com carrinhos, roupas azuis. Desta maneira, interferindo nos sentimentos da criança de ser menino ou menina. (RIBEIRO, 2011).

As anunciadas *diferenças* – em sentido literal – entre meninos e meninas na sociedade são evidenciadas desde o nascimento: meninas usam roupas “rosas”; meninos, “azuis”... Durante o desenvolvimento cognitivo, ambos são

educados a brincar de "boneca" ou de "carrinho"; de "panelinha" ou de "futebol", demarcando a "delimitação do espaço" de cada um, ou seja, a "boneca" (*personificação de um bebê de colo, do ato da maternidade*) e a "panelinha" (*a "cozinha"*) assim como o "carrinho" ("*homem*" ao volante) e o "futebol" (*esporte "de homem"*) influenciam e reforçam a ideologia que reproduz a "submissão" feminina e a sobreposição masculina no *status* que designa a decodificação dos "papéis sociais" e as atitudes "inconscientes", finalizando na inculcação do "modo de vida" das relações de gênero dispostas tradicionalmente, apenas para exemplificarmos as situações que ocorrem ao longo do processo de formação da criança, como provavelmente muitos de nós nos deparamos na infância. (SILVA, 2013, p.3).

Conforme o autor, existe uma diferença de criação entre meninos e meninas, o que gera uma espécie de submissão do sexo feminino e sobreposição do masculino.

Além dos conceitos acima, existe ainda o conceito de orientação sexual, que seria para onde caminha o nosso desejo. Para entendermos melhor a questão sobre orientação sexual, precisamos saber o que acontece com nosso corpo, ou seja ele passa a se sentir atraído por determinados gêneros, e é preciso entender cada um deles. Jesus (2012) apud Souza E Meglhioratti (2017, p.10), explica sobre cada um deles:

Heterossexualidade: na qual uma pessoa sente atração afetiva e sexual por outra pessoa cuja identidade de gênero difere da sua; Homossexualidade: Pessoa que sente atração afetiva e sexual por outra pessoa cuja identidade de gênero é a mesma; Bissexualidade: Pessoa que sente atração afetiva e sexual por outra pessoa de qualquer gênero; Pansexualidade: Pessoa que sente atração afetiva e sexual pelo/a outro/a independente da Identidade de Gênero, sexualidade ou Sexo Biológico.; Assexualidade: Pessoa que não sente atração sexual por nenhuma outra pessoa, ela pode se envolver afetivamente com qualquer outra pessoa, porém não desenvolve o desejo sexual (JESUS, 2012, apud SOUZA E MEGLHIORATTI, 2017, p.10).

Todos estes conceitos citados no decorrer do texto, acabam diretamente ou indiretamente sendo alvo de preconceito, este que se faz presente na sociedade, muitas vezes pela falta informação, muitos têm um conceito errado sobre o comportamento dos homossexuais, tendo um pensamento de que todo homem homossexual possui um jeito mais afeminado e que toda mulher é mais "dura". Não só o preconceito está presente na sociedade, mas também a homofobia, da qual consiste em atos perversos e criminosos em relação às pessoas homossexuais, essas ações incluem ódio, desrespeito, agressão psicológica e física, discriminação e até mesmo a morte. (RIBEIRO, 2011).

Desta forma, o ambiente escolar é um bom espaço para esclarecer dúvidas, bem como, oportunizando os jovens para lidar com as diferenças, ressaltando que ninguém é igual, conversando abertamente entre os jovens, sem ofender, comentando

sobre o preconceito e suas consequências. No entanto, há estudos recentes em que mostram que os professores não sabem lidar com a situação, ocorrendo ridicularizam entre os colegas. (SILVA, 2013).

5.3.2 A Diferença entre Papéis Sociais de Homem e Mulher

O Século XX foi marcado pelos questionamentos em relação a sexualidade, e aos valores já estabelecidos. Nota-se uma evolução na questão de emancipação sexual da mulher. E o sexo torna-se mais bem aceito, não restrito ao genital, ou a procriação, como era visto até séculos passados. A década de 60 foi marcada pelo uso de pílulas anticoncepcionais, desmistificando-se o sexo, dando mais liberdade e autonomia para a mulher. Outro marco também importante na história, foi a década de 70, onde aconteceu o movimento para a libertação gay. Os homossexuais enfrentaram os preconceitos, assumindo assim uma postura política desafiando toda uma sociedade baseada na censura do sexo e suas diversidades (NAPOLITANO E BROGNA, 2016).

Desde nossos primórdios construiu-se uma diferença nos conceitos dos gêneros masculino e feminino que segue até os dias de hoje, a ideia de que a mulher é um ser inferior foi socialmente construída em nossa história. De acordo com Napolitano e Brogna (2016) em 2015, a organização mundial do trabalho (OIT) revelou que as mulheres recebem, em média, 77% dos salários dos homens para desempenhar as mesmas funções, além de estarem mais sujeitas a ficarem desempregadas ou serem relegadas a cargos de baixa qualidade. Ainda de acordo com a OIT o mundo vai demorar cerca de 70 anos para homens e mulheres receberem os mesmos salários para desempenhar as mesmas funções.

O movimento feminista emerge com a ideia de romper com a ordem patriarcal, denunciando a desigualdade entre homens e mulheres e buscando direitos igualitários e mais humanos para as mulheres (SILVA, 2008). Ao contrário do que muitos pensam, o feminismo não é o oposto de machismo, pois o feminismo busca construir condições de igualdade entre os gêneros, o machismo é o comportamento que coloca o homem em posição de superioridade com relação à mulher.

Uma educação preocupada com a inclusão, voltada para a igualdade de gênero, que se preocupe com a diversidade e a educação sexual proporciona um espaço para alunos abertos ao diferente, livres de papéis sociais impostos pela

sociedade, quebrando estereótipos e diminuindo qualquer forma de discriminação. Falar sobre sexualidade é quebrar tabus, superar preconceitos, ajudar adolescentes e jovens a viverem a sua sexualidade de forma segura e consciente, pois adolescentes bem informados, serão adultos livres.

6. METODOLOGIA

A metodologia utilizada serão encontros semanais, com grupos de dez a quinze participantes, envolvendo apresentações de slides, debates, dinâmicas, entre várias outras atividades, com intuito de proporcionar um maior conhecimento sobre o a sexualidade na adolescência e a diversidade dela.

O trabalho acontecerá em dois encontros com duração média de quatro horas cada um. Os encontros acontecerão nas escolas que se disponibilizarem a receber a aplicação do projeto. Os trabalhos serão desenvolvidos pelos acadêmicos, do curso de Psicologia com ênfase em gestão e saúde do 10º período sendo previamente orientados pela coordenação da já referida Clínica Escola e também pela professora Gissele Debastiani, sendo divulgado nas escolas, na comunidade e oferecido a todos os alunos de ensino médio e demais pessoas que demonstrarem interesse em participar, havendo grande demanda, estes ficarão no aguardo das próximas turmas, pois o projeto é contínuo.

7. CRONOGRAMA

ENCONTROS	DATAS	ATIVIDADES A SEREM REALIZADAS
Primeiro encontro:	A ser marcada	<p>- Apresentação do projeto; Apresentação de slides e debate sobre temas e conceitos que envolvam adolescência, sexo, sexualidade, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, masturbação e gravidez na adolescência.</p> <p>- Caixinha de dúvidas (debate em grupo das perguntas).</p>
Segundo encontro	A ser marcada	Apresentação de slides e debate sobre temas que envolvam a diversidade sexual e a diferença entre papéis sociais de homem e mulher.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, A. Sexualidade e informação: recado dos jovens paraibanos. In: PAIVA, V. (org). **Em tempos de AIDS**. São Paulo: Sumus, 1992.

BROGNA, Marcos; NAPOLITANO, Paula. **Diversidade e Sexualidade**: para quem educa em casa, na escola, na empresa e a si mesmo. São Paulo: OPEE, 2016.

CAMPAGNA, Viviane Namur. **A Identidade Feminina no Início da Adolescência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

CAMPINHO, Ana Karina C. et al. Identidade e Intersexo: reflexões de diversos campos teóricos. In: **Seminário Internacional Enlaçando Sexualidade**, 2009. Anais Seminário Internacional Enlaçando Sexualidade, 2009.

COSTA, Jurandir Freire. **O Vestígio e a Aura**: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

DADOORIAN, D. **Pronta para voar, um novo olhar sobre a gravidez na adolescência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DINIZ, Fernandes N. Educação, Relações de Gênero e Diversidade Sexual. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 103, 2008.

GENZ, N. et al. Doenças Sexualmente Transmissíveis: conhecimento e comportamento sexual de adolescentes. **Texto Contexto Enferm**, v. 26, n. 2, 2017.

GOZZO, T. O. et al. Sexualidade Feminina: compreendendo seu significado. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, 2000.

GROSSMAN, Eloisa. A Construção do Conceito de Adolescência no Ocidente. **Adolescência & Saúde**, v.7, n. 3, 2010.

HELITO, Alfredo Salim, KAUFFMAN, Paulo. **Saúde: entendendo as doenças. A enciclopédia médica da família**. São Paulo: Nobel, 2006.

KLAJNER, Henrique. **Auto Estimulação e Adolescentes**: prevenção de distúrbios comportamentais, saúde física e mental. São Paulo: AMPUB, 2004.

MARCON, A. N; PRUDÊNCIO, L. E. V; GESSER, M. Políticas Públicas Relacionadas à Diversidade Sexual na Escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 20, n. 2, 2016.

MIRANDA, T. L.; SCHIMANSKI, E. Relações de Gênero: algumas considerações conceituais. In: FERREIRA, A. J. **Relações Étnico-Raciais, de Gênero e Sexualidade**: perspectivas contemporâneas. Ponta Grossa UEPG, 2014.

MATTEDI, Marlon. **Como Provocar Orgasmos Femininos**: um manual sobre como aumentar o prazer da mulher. 1ª edição. 2014.

MOTA, R. S. **História Oral de Adolescentes Grávidas em Situação de Violência Doméstica** [Dissertação de Mestrado]. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2012.

PADILHA, Adriano; CABRAL, Paulo. **Significado de Adolescência**. 2014. Disponível em <<https://www.significados.com.br/adolescencia/>>. Acesso em: 28 de março 2018.

PADILHA, Adriano; CABRAL, Paulo. **O que é Identidade de gênero**. 2017. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/identidade-de-genero/>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

PASTANA, Marcela. **Muito Prazer!? Discussões sobre Sexualidade, Gênero e Educação Sexual a partir da Análise de Revistas Femininas e Masculinas** [Dissertação de Mestrado]. Araraquara: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2014.

PONTES, Ângela Felgueiras. **Sexualidade: vamos conversar sobre isso**. Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto. S/D.

RIBEIRO, Marcos. **Conversando com Seu Filho Adolescente Sobre Sexo**. São Paulo: Planeta, 2011.

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE. **Doenças Sexualmente Transmissíveis DST**. 2006. Disponível em: <http://www.dive.sc.gov.br/conteudos/publicacoes/manuais_cartilhas/Cartilha_de_DST.pdf>. Acesso em 06 ago. 2018.

SILVA, Ariana Kelly Leandra Silva da. Diversidade Sexual e de Gênero: a construção do sujeito social. **Rev. NUFEN [online]**, v.5, n.1, 2013.

SILVA, Cristiane Gonçalves da. **Orientação Sexual, Identidades Sexuais e Identidade de Gênero**. Unidade 1. São Paulo: UNIFESP, S/D.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. Feminismo radical: pensamento e movimento. **Revista Travessias – Educação, Cultura, Linguagem e Arte**, v. 2, n. 3, 2008.

SOUZA, Bruno Barbosa de; MEGLHIORATTI, Fernanda Aparecida. Uma Reflexão a Respeito dos Conceitos de Sexo Biológico, Identidade de Gênero e Identidade Afetivo Sexual. In: **V Simpósio Nacional em Educação Sexual (SIES)**, 2017. Anais do V SIES, 2017.

SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo**. Petrópolis: Edição da Autora, 1991.

UNFPA. Diversidades Sexuais: **Adolescentes e Jovens para a Educação entre Pares**. Saúde e Prevenção nas Escolas. 2010.